

MODISMOS E REALIDADES

Roberto Rodrigues*

Tema da maior importância na atualidade, o aquecimento global tem sido argumento para as mais diversas inovações, especialmente na agricultura e na energia.

Diretamente ligado a ambos está o cintilante carro elétrico, tido como elemento central para a diminuição da poluição determinada pelos combustíveis fósseis, e este é um assunto que devemos debater com mais rigor científico e lógica.

Adversários do carro elétrico o consideram poluidor, dependendo da origem da eletricidade a ser utilizada e dos materiais para a fabricação das baterias, e ainda questionam a autonomia dos veículos. Os apoiadores respondem que a ciência resolverá estas e outras questões que surjam, no que estão certos. E logo vem a defesa dos carros híbridos que resolveriam o problema da autonomia sem destruir a estrutura de distribuição de combustíveis líquidos, numa solução intermediária. Tudo muito rápido, muito apressado, dando às vezes a impressão de modismo ou pior, de que interesses econômicos, políticos ou ideológicos superam um século de uso de combustíveis líquidos.

Outras inovações (ou nem tanto) ganham destaque no capítulo energético, como a energia fotovoltaica, a eólica, a das marés.

Enquanto estas dúvidas são avaliadas, vamos esquecendo uma experiência vitoriosa no Brasil, replicável mundo afora, que é a agroenergia. Renovável, não poluente, empregadora, economizadora de importações de petróleo e derivados, a agroenergia não é uma jabuticaba: é uma solução pronta, efetiva e universal. O etanol de cana de açúcar emite apenas 11% do CO₂ emitido pela gasolina, e ainda dá origem à bioeletricidade com o uso do bagaço e das folhas da gramínea em caldeiras, a ser colocada na rede de distribuição durante a seca, quando as represas de hidrelétricas estão a perigo. O etanol de milho veio para ficar, abrindo uma extraordinária chance de desenvolvimento integrado na fronteira agrícola de forma competitiva e sustentável (o resíduo da fabricação pode ser usado na produção barata de proteína animal). E o biodiesel completa o cenário positivo sem nenhuma contraindicação.

Tudo isso está ficando meio de lado, o que não parece correto. Imaginemos por absurdo que, por uma decisão de qualquer natureza, só fossem fabricados carros elétricos em um lapso de 10 anos. O que fazer com os canaviais? Só o estado de São Paulo tem mais de 4,5 milhões de hectares de cana. Ah, mas produzirão açúcar! Atualmente, só metade da cana produzida vira álcool, e ainda sobrariam mais de 2 milhões de hectares sem função... E tem também a campanha contra o açúcar. A quem interessa? E se pegar, o que fazer com as usinas sucroenergéticas esparramadas por boa parte dos estados brasileiros, gerando milhares de empregos diretos, alimentos, energia, riqueza e renda? Virarão gigantescos fantasmas industriais assombrados pela pobreza e desemprego?

E tem mais. Fato pouco conhecido é a cana-energia, realidade já estabelecida pela ciência, planta com raízes mais profundas, o que contribui para maior sequestro e fixação permanente do C no solo. E, ao contrário do que se propaga, as variedades de cana-energia não tem apenas mais fibras que as destinadas à produção açucareira. São

também ricas em sacarose, duram um ciclo maior e com isso geram economia aos agricultores. Afinal, não custa lembrar que as fontes de energia renovável no Brasil constituem 40% da nossa matriz energética, enquanto no mundo todo mal chegam a 10%. Não podemos desprezar esta vantagem comparativa e competitiva real.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da
FAO para as Cooperativas**